

AFINAL, O QUE É O TÉDIO?

Adriana Aparecida Almeida de Oliveira
José Sterza Justo

É verdade, tenho andado um pouco em baixo, Problemas de saúde, Não creio, tanto quanto posso saber não estou doente, o que sucede é que tudo me cansa e aborrece, esta maldita rotina, esta repetição, este marcar passo (...) (Saramago, 2008, p. 10).

Afinal de contas o que é o tédio? Esta é a pergunta que norteia este capítulo, que mal é este? Será um mal estar contemporâneo? O que faz com que este termo seja repetido exaustivamente na internet, entre os poetas, entre as pessoas, entre os acadêmicos? Será um fardo vindo do contemporâneo? Certamente quem poderia nos dizer sobre este enfado é o sujeito que o vive, o sujeito contemporâneo. Muitas pistas sobre o tédio nos são dadas pela cultura, incluindo nela os saberes gerados pela ciência. Neste capítulo, faremos uma discussão do tédio, percorrendo autores que procuram elucidar processos psicossociais e manifestações deste estado subjetivo marcado por sentimentos de enfado, de cansaço, de mesmice e outros sentimentos que tornam a vida monótona e desanimada.

A palavra tédio é relativamente antiga e comum, usada correntemente com o sentido dado por Saramago no trecho que escolhemos para a epígrafe acima. Nos dicionários da língua portuguesa ela aparece definida como um sentimento de fastio, aborrecimento, enfado, nojo ou desgosto (Priberam, 2012). Embora reconhecido e vivido no cotidiano como um estado subjetivo específico foi muito pouco estudado, sobretudo pela psicologia, conforme lembra Buchianeri (2012) em sua tese de doutorado, ao comparar o tédio com a depressão e com a melancolia:

É interessante notar a falta de interesse da Psicologia, da Psicanálise e da Psiquiatria no estudo do tédio, talvez por faltar-lhe a gravidade da depressão e da melancolia, que necessite uma abordagem terapêutica seja ela psicoterápica ou medicamentosa. O

interesse fica restrito a outras áreas das ciências humanas e sociais, como a Filosofia e a Sociologia (Buchianeri, 2012, p.28).

O que é o tédio, afinal? Como tem sido tratado pela produção científica brasileira?

O que é o tédio?

Segundo Carvalho (1998, p.7) o tédio é um dos modos de subjetivação a se multiplicar na pós-modernidade decorrente da busca de um ideal fora do alcance que gera um processo de negação e enfraquecimento da vida. Svendsen (2006, p.31) afirma que se trata de uma ausência de significado pessoal. La Taille (2009, p.16) o define como um tempo longo, lento, que não passa, enfim longo demais para ser suportado. Buchianeri (2012, p.114) acentua no tédio a falta de sentido aliada ao esvaziamento do sujeito, entendendo-o como “protesto silencioso” contra a experiência do excesso na contemporaneidade. Baudelaire (citado por Carvalho,1998) já no século XIX descreveu o tédio como inércia, inatividade, vida de baixa intensidade, estado de insatisfação permanente.

Quem é este sujeito entediado? Yves de La Taille (idem) o descreve como aquele que é escravo do tempo, é dominado pelo tempo e não o contrário. Um sujeito que quer que o tempo passe rápido. Para o autor este sujeito arrasta-se porque também o tempo se arrasta, ele percebe o tempo como algo muito longo, um tempo que não passa e este é o dilema do sujeito entediado, pois ele quer justamente que o tempo passe depressa.

O entediado olha incessantemente para o relógio na esperança de que os ponteiros tenham andado o máximo possível, na esperança de que o amanhã chegue logo, que o depois de amanhã chegue logo. O entediado não ocupa seu tempo, pois é ocupado por ele. Ele não domina, pois é dominado por ele é seu prisioneiro. Essa prisão, todavia, não é uma pequena cela, mas sim um vasto deserto do qual ele não enxerga as fronteiras (La Taille, 2009, p. 16).

Olgária Matos (citada por Buchianeri, 2012, p. 2) refere-se à mutação do tempo na contemporaneidade. O tempo interno do sujeito passa a ser determinado pelo tempo de

consumo. Sentencia a autora que vivemos na era da instantaneidade, da realização imediata dos desejos posto que a tecnologia instiga a rapidez da satisfação e a abreviação da dor da espera. O sujeito entediado apresentado por La Taille (Idem) possivelmente é aquele subjugado pelo tempo do consumo compulsivo, da velocidade acelerada que evita a frustração, mas não produz sentido. Se antes a velocidade produzia euforia e incitava a ação, no contemporâneo, segundo Buchianeri (2012, p.114), ela produz o esvaziamento subjetivo gerando um tempo entediante. O mundo da mercadoria, do consumo e dos objetos se acelera e o mundo subjetivo se desacelera em função do imediatismo que prejudica qualquer tipo de elaboração por meio de mediadores produtores de sentido.

Bauman (2005) e La Taille (2009) propõem que este tempo comprimido é vivido em pequenos fragmentos que não se relacionam entre si. La Taille (2009, p.16) compara este passar do tempo com ponteiros de relógios que se sucedem por pequenos sobressaltos. Para o enfatiado os segundos, os minutos e as horas não ocorrem em fluxo contínuo, não têm conexão entre si apesar de estarem justapostos. Não há ligação entre os momentos, não há sentido.

Tal reflexão de La Taille (idem) aproxima-se da noção defendida por Svendsen (2006, p. 32), no livro “Filosofia do Tédio”, que também enfatiza a falta de significado vivenciada pelo sujeito contemporâneo: “O vazio do tempo é um vazio de significado”. Esse passar de pequenos momentos desconexos implica prejuízo da significação, falta de sentido e tanta falta é invadida pelo tédio, pelo fastio, pela péssima sensação de um tempo insuportável. La Taille (2009, p. 17) descreve uma vida tediosa:

Quem diz “minha vida é um tédio” esta afirmando que ela é morna, insípida, vazia, insignificante, triste, melancólica, monótona, rebarbativa, sombria, insuportável, longa demais. *Longa demais porque pequena*. Não são apenas momentos que não passam, é a vida inteira que se arrasta. Não são apenas horas penosas a vencer, são anos a fio a suportar. Não é por acaso que existe a expressão “tédio mortal”.

Este “tédio mortal” fica evidente na música intitulada “Tédio” do grupo musical Biquíni Cavado. Nessa letra é possível perceber que há uma espécie de denúncia a este

estado subjetivo, descrito como algo que "corta os programas", "corrói" e assim "leva a esperar o fim", no sentido de levar quem o sente intensamente ao suicídio, ao total desligamento da vida. O que torna o tédio tão presente e ao mesmo tempo insuportável? Será o tédio um modo de subjetivação típico do nosso tempo?

Expressões do tédio ao longo da história

Para responder a esta pergunta é possível encontrar grandes contribuições na dissertação de mestrado defendida por Pedro Salem (2001). O autor sugere que a origem do tédio está indissociada à história do homem moderno. Afirma que o tédio foi um importante conceito organizador de sentido para o sujeito moderno nas descrições de si mesmo e de suas experiências. Prosseguindo seu estudo propõe quatro hipóteses para o surgimento e difusão do tédio sendo estas: “o desenvolvimento do lazer como espaço diferenciado; o declínio do Cristianismo; o crescente interesse na vida subjetiva, e a intensificação da preocupação com os direitos individuais associada à atribuição ao indivíduo de um valor central na sociedade” (Salem, 2001, p. 15).

No final do século XVIII o lazer aparece como espaço de satisfação além do trabalho. O pensamento de René Descartes é o marco inicial de tal mudança no século XVII. O pensamento cartesiano introduz a dúvida quanto às leis divinas. Aparecem também movimentos como a Reforma e o Protestantismo que contribuíram para a diminuição da importância da Igreja Católica e fortaleceram o individualismo. Nesse sentido o homem torna-se cada vez mais ligado às preocupações terrenas e encontra aí justificativas para a busca do prazer.

O indivíduo passa a ter maior percepção de si, segundo Elias (1990, 1993 citado por Salem, 2001, p. 18) a partir de mudanças vivenciadas no interior da corte dos séculos XVI ao XVII, pois nesse período a corte passa a diferenciar-se da nobreza. O mesmo autor citado por Salem (2001, p.18) denomina de ‘mudança “civilizadora”’ a passagem de condutas típicas das cortes européias para outros círculos da sociedade. Aponta dois aspectos fundamentais para o processo civilizador: a diferenciação entre as funções sociais e o aumento da interdependência entre as pessoas assim como o uso do monopólio da força física para fins sociais. Aumenta o

número das cortes e dos seus frequentadores e personagens. Nobreza e burguesia passaram a coexistir no ambiente da corte e as individualidades tiveram que se ajustar cada vez mais a papéis sociais.

De acordo com Salem (2001, p. 19) esse processo civilizatório tem dois lados, sendo o primeiro a moderação das ações espontâneas e o segundo a ampliação do espaço mental. O indivíduo passa a pensar em suas ações futuras e suas consequências, numa lógica de causa e efeito. O sujeito passa a distanciar-se conceitualmente dos objetos do pensamento; passa a ter consciência de si, ou seja, refletir sobre si próprio com certa distância. Assim o pensamento passa a interferir de forma mais incisiva nas manifestações dos sujeitos e as atitudes impulsivas e emocionais perdem sua força. Neste ínterim, relata Salem (2001, p.18), ocorre o desenvolvimento de noções como “tédio”, “interesse” e “excitação”.

As revoluções burguesas reiteram a ideologia da centralidade do homem na sociedade ocidental e este inicia um processo de desvencilhamento dos objetivos coletivos. Porém, como afirma Salem (2001, p. 21), o ideal de felicidade pública ainda alia-se ao bem-estar privado, sendo ambos considerados propiciadores de felicidade. Tornando-se assim o homem medida de todas as coisas, os processos mentais passam a ser investigados e privilegiados, há a legitimação da “busca da felicidade” e irrompe a noção do tédio.

Salem (2001, p.27) afirma que o tédio é um conceito moderno e que o declínio da religião determina de maneira fundamental os sentidos tomados por ele. Relata também que este estado subjetivo muitas vezes relacionado ao termo *acídia* diferencia-se deste, pois o segundo termo esta vinculado ao cristianismo, ao vocabulário cristão, e uma das principais características do desenvolvimento do termo tédio é o afastamento da totalidade, do ideal de divino; o homem passa a buscar seu próprio prazer e surge então o vazio e o sofrimento sem explicação. Na *acídia* os cristãos vivenciavam uma dívida com Deus.

O mesmo autor relata que é na Inglaterra que o termo tédio tem sua primeira expressão. Considera o país como “celeiro de dispositivos sociais”, devido às revoluções burguesa e liberal que teria criado um contexto propício ao desenvolvimento da privacidade. Ao analisar a obra de Johnson (1709-1784), autor contemporâneo deste período, Salem (2001, p. 32) nota que o termo tédio esta relacionado a uma insuficiência da alma, um mal universal

que deve ser combatido com o esforço do sujeito que o sente, é relacionado também com a ideia de passividade. É possível depreender que o conceito do tédio fica próximo ao de imoralidade. O sujeito que vivenciasse esta emoção, neste período, poderia ser considerado de caráter duvidoso, pois estaria afastado de uma conduta moral.

O século XIX, em decorrência das mudanças processadas no final do anterior, mostra-se terreno fértil para desenvolvimento deste estado enfadonho. A pressão pela busca da felicidade e a desresponsabilização do sujeito sobre seu mal estar, no entanto, não serão suficientes para o afastamento de sentimentos de aborrecimento e descaso para com a vida. O tédio aparecerá com novos sentidos acompanhado dos ideais românticos.

Portanto, o tédio passa a fazer parte do cotidiano dos indivíduos, de sua relação com a sociedade; torna-se tema utilizado de forma extensa pela literatura e bastante presente nas correspondências entre escritores. No início foi relacionado à melancolia; passou a ser cultivado e valorizado enquanto sinal de autenticidade por parte daqueles que o vivenciava, transformando-se em experiência basicamente burguesa.

O desenvolvimento deste estado subjetivo se alia-se facilmente ao espírito do romantismo que valoriza a interioridade do sujeito, o pessimismo, o sofrimento, o desencanto do mundo e, no extremo, idealiza a própria morte. O romantismo, em sua fase avançada, atrela-se à burguesia, passando a contestar os valores estáticos da nobreza decadente e a valorizar a mobilidade e a dinamicidade. O homem passa, então, a definir sua posição social de acordo com suas conquistas pessoais, principalmente relacionadas ao trabalho. Há nesse movimento uma valorização da natureza e do passado, o campo é considerado como espaço de fuga da civilização. Nesse contexto também a melancolia passa a ser considerada como um estado de alma muito próximo ao tédio. O ideário romântico busca uma totalidade que possa preencher o vazio da condição humana com o qual o homem moderno passa a se deparar, paradoxalmente, com a celeridade da vida. A aceleração do mundo, ao converter o homem numa máquina de produção, desacelera a subjetividade destronando o sujeito de sua soberania sobre o tempo e o espaço. O tédio se infiltrará na vida acelerada como uma paralisia da alma diante da vertigem do mundo.

Ao analisar três romances do início do século XIX, sendo eles: *Os sofrimentos do jovem Werther* escrito por Goethe, *René* (1802) de Chateaubriand e *Oberman* (1804) de Senancour, Salem (2001, p.68) aponta para a forte presença do tédio nas personagens principais: “Contudo, em todos os romances analisados o tédio se impõe como uma emoção sem saída, e parece paradigmática de um pessimismo que não faz senão intensificar-se no curso do século”. Considera também significativo o movimento dos três de busca de plenitude na vida interior, e a imensa insatisfação que emerge a partir desta busca. Tal atitude torna-se comum na sociedade oitocentista.

A vida citadina, que passa a ser o grande modelo do processo de modernização, também será outro solo bastante fértil para o tédio. Dentre tantos dispositivos de aceleração da vida na urbe, a expansão do mercado e do consumo se colocam como os principais. O desenvolvimento das cidades na segunda metade do século XIX propiciará a valorização de emoções intensas e abrirá caminho para o consumismo.

Sennett (1999 citado por Salem, 2001, p.69) relata que, assim, sob a forma do consumo há uma união entre o investimento de valores pessoais nos objetos de compra e a observação passiva. Estar em público passa a ser uma experiência particular e que não demanda uma atitude ativa deste novo consumidor. Os objetos são imbuídos de valor e personalidade; as roupas que o indivíduo veste passam a dizer quem ele é, quando, em épocas anteriores, apenas indicavam a qual classe social que ele pertencia.

Nesse contexto também passa a ser valorizada a camuflagem dos sentimentos e emoções. Não há uma desvalorização da vida interior, mas sim o aumento da curiosidade sobre o outro. A doutrina da “imanência secular” consolida-se, opondo-se ao ideal romântico de transcendência secular. Não se acredita mais que possa haver uma totalidade que transcenda o homem. A vida individual passa a ter predomínio.

Salem (2001, p.) enfatiza a oposição entre as idéias naturalizadoras do século XVIII e a noção de personalidade do posterior. O primeiro tende a encarar o homem como portador de uma natureza comum, igualando as pessoas, enquanto o segundo entende que há variações de sujeito para sujeito. O caráter natural poderia ser controlado por quem o vivenciava, moderando seus desejos, porém a personalidade não é algo que possa ser regulado e sim

valorizado. Nos escritos de Balzac (Sennett, 1999 citado por Salem, 2001, p. 73) a descrição das cidades e dos detalhes funcionam como produtores de significados. Ocorre a indiferenciação entre o público e o privado a partir da ênfase dada a personalidade. Entretanto nos escritos de Balzac (citado por Salem, 2001, p.73-74), é possível apreender a imanência da personalidade, sua instabilidade e seu caráter involuntário que aprisionam o sujeito. Há uma busca desenfreada pelo conhecimento da personalidade velada do homem urbano.

As cidades tornam-se um cenário privilegiado para os temas literários. Em oposição ao homem romântico que buscava a natureza a fim de uma plenitude, o sujeito oitocentista caminha pela *urbes* analisando a personalidade de outrem, ao mesmo passo, que camufla-se não pretendendo ser notado.

O conceito de tédio neste período, sob a análise de Salem (2001, p.74), é bastante desenvolvido pelo autor inglês Charles Dickens (1812-1870), que relaciona ao tédio duas idéias opostas: na primeira o tédio é considerado como uma emoção pura que gera dor e na segunda como fonte de diferenciação social, ocultação dos sentimentos e ostentação de uma posição na hierarquia. Há um conflito entre burguesia e aristocracia, pois os trabalhadores consideravam a falta de atividade um mal moral que causava o tédio e os aristocratas exibiam o tédio como medida de superioridade, um luxo.

A segunda metade do século XIX é marcada pela conscientização sobre o modo de exploração do sistema capitalista, contribuindo para o pessimismo e o desencantamento com a realidade presente e a futura. Os artistas e escritores tornam-se indivíduos que se opõem ao capitalismo de consumo e devido a esta postura tomam o lugar de indivíduos excluídos. Flaubert (1821-1880) e Baudelaire (1821-1867) desenvolvem suas obras afastando-se do romantismo. “Flaubert vê a sociedade moderna, produtora de incertezas e de ausência de perspectivas, como um espaço no qual a capacidade de dar sentido à vida encontra-se cada vez mais limitada” (Salem, 2001, p. 80). O tédio para os autores urbanos do século XIX, afirma Salem, perde seu encanto, deixa de ser um privilégio para tornar-se um “mal burguês”.

No final deste século aparece a figura do *dândi* em oposição à austeridade na maneira de se apresentar em público e se vestir. As roupas deixam o tom cinza e preto e

passam a ser coloridas; há agitação com os “novos ares” representados pelas novidades na arte, nas ideias e nos estilos.

O *dândi* é um homem entediado, que preza a artificialidade, busca originalidade e indiferença em relação ao mundo exterior. A ideia de artifício, segundo Salem (2001, p.87), é bastante valorizada por Baudelaire. O escritor valoriza tudo o que não é natural, pois compreende que tudo que é natural ao homem, ou seja, de sua natureza humana traz violência e sofrimento, leva ao crime, e que a maquiagem, o artificial, concede ao homem o afastamento da natureza. Dessa forma, a medida da nobreza do homem para o autor está relacionada à sua artificialidade. Para Baudelaire (1997, citado por Salem, 2001, p. 87): “dandismo é o último rasgo de heroísmo nas decadências (...). É um sol poente; como o astro que declina, é magnífico, sem calor e cheio de melancolia”.

Relacionando as figuras do *dândi* e do *flâneur* Salem (2001, p.88) aponta que ambos são entediados, porém o primeiro encontra no meio da multidão a privacidade e a sensação de pertencimento que propiciam um alívio para o tédio e o segundo mantém-se predominantemente entediado. Findado o século XIX, Salem (2001, p.97) considera que alguns fundamentos deste século constituirão os significados do tédio na pós-modernidade.

Expressões do tédio na contemporaneidade

A pós-modernidade é nomeada por alguns autores como um período que sofreu grandes mudanças em relação à modernidade, porém, não há um consenso de que ela seja um novo período totalmente distinto do anterior. Para alguns autores ela é uma continuação dos processos da modernidade, porém, com características adicionais e assim recebe diversas denominações tais como modernidade líquida (Bauman, 2001), hipermodernidade (Augé, 1994), modernidade tardia (Giddens, 2003), era do vazio (Lypovetsky, 2005) e assim por diante. Neste trabalho vamos considerar a pós-modernidade como período em que ocorrem importantes mudanças, seja no plano tecnológico, nas relações sociais, na interação do sujeito com o mundo interior e exterior.

Bauman (2001) considera este tempo como líquido. Tal metáfora se deve a análise de que na contemporaneidade nada tem tempo para solidificar-se, tudo permanece no estado

líquido. Propõe também que a “modernidade líquida” (Bauman, 2001, p.20) depende do desmantelamento da ordem tradicional. Assim figuras estruturantes e repressoras como a Igreja e o Estado deixam de exercer grande influência para o sujeito contemporâneo. Tal conquista se reflete também no declínio de paradigmas antes aceitos como segurança no trabalho e a estabilidade da instituição familiar. Aparece, enfim, o sentimento de desamparo. Ao perdurar como “valor principal” (Salem, 2001), na pós-modernidade o indivíduo é despojado das obrigações sociais, inaugurando-se uma nova concepção de individualismo. Lipovetsky (citado por Salem, 2001, p.101) sugere que no contemporâneo ocorre a “segunda revolução individualista”. Desse modo o sujeito contemporâneo deixa de estruturar-se com os pilares do modernismo, passando a situação de desamparo e solidão.

Diante de tal instabilidade é possível perceber que a saída deste sujeito é buscar constituir uma identidade própria, na qual possa sentir algum tipo de “pertencimento”, ou seja, estabilidade. Bauman (2005, p.53) afirma que diante da liberação dos costumes tradicionais, das autoridades soberanas, da liberdade conquistada pelo sujeito contemporâneo, este passa a ter como objetivo de vida constituir uma identidade. O indivíduo no contemporâneo passa a ser responsável por si mesmo, por suas emoções e estados subjetivos, porém tal conquista no âmbito social, torna-se um “fardo” (Salem, 2001) para o liberto, pois diante da instabilidade deste período, como firmar-se em algo mutável? Não é possível constituir uma identidade que possibilite estabilidade posto que não há tempo, nem mesmo espaço para solidificação. Talvez um dos ideais inatingíveis deste tempo seja a constituição de uma identidade.

La Taille (2009, p.43), no mesmo sentido, discute a impossibilidade da constituição de um projeto de vida, visto que para tal tarefa há a necessidade de sentir vontade, e esta é orientada pelos valores que a pessoa tem. Nesse tempo não há valores estáveis, a única estabilidade existente é a necessidade de esquecer e adaptar-se.

Svendsen (2006, p.32), ao encontro do pensamento de Bauman, afirma que este sujeito atual não consegue obter o significado pessoal que é produzido no relacionamento com o outro, com o mundo. O mesmo autor pondera que o indivíduo sofre uma carência de algo que lhe dê sentido para sua existência, e viver sem tal conteúdo é fonte de muito sofrimento.

Entretanto, reflete que, diante da revolução tecnológica, o indivíduo encontra maiores dificuldades para tal intento: “O problema é que, cada vez mais, a tecnologia moderna nos torna consumidores e observadores passivos, e cada vez menos participantes ativos. Isso nos dá um déficit de significado” (Svendsen, 2006, p. 30).

O consumo, nesse contexto, é buscado como possibilidade de individuação, através do “mar de possibilidades” (Carvalho, 1998) de ofertas de consumo produtor da ilusão de escolha. Porém, como afirmam Oliveira e Justo (2010 e 2011), neste cenário o consumidor passa também a ser mercadoria, neutralizando-se e sendo substituído pelas forças do mercado que realizam por ele praticamente tudo o que precisa para viver. O sujeito “despossuído de si” (Birman, 2006) em meio ao “mar de mercadorias” se desvanece e perde o sentido de sua existência confrontando-se com a impossibilidade de constituir-se como sujeito.

Segundo La Taille (2009, p.31), na contemporaneidade há uma descrença em relação ao futuro; o amanhã deixa a promessa de progresso diferente do que proclama a música de Chico Buarque “Amanhã há de ser outro dia”. Considera que o contemporâneo foi o tempo que assistiu ao declínio das grandes utopias como o comunismo e inaugurou, nos anos 80, o processo de esvaziamento do sujeito. O mesmo autor analisa que no ano de 1989, com a queda do muro de Berlim, há a celebração da democracia, porém, pontua: “Cada pedaço do muro derrubado, entretanto não deixa de simbolizar os estilhaços de um mundo utópico. A queda do Muro de Berlim é mais a data do fim de uma época do que o começo de outra” (La Taille, 2009, p.32). Este ainda lamenta o fim do movimento de esquerda, posto que ainda existam partidos que se nomeiam de tal forma, porém sentencia que os ideais de justiça e igualdade para um mundo melhor, não são mais buscados e defendidos. Conclui que existem, hoje, pessoas de esquerda, mas não forças políticas esquerdistas constituídas coletivamente. Tal mudança evidencia-se na eclosão das políticas assistencialistas que não objetivam o fim da desigualdade social, mas sim a solução imediatista.

Em uma palavra: não há projeto, não há domínio do tempo. Andamos na cerração, tentando enxergar meio palmo diante do nariz. O futuro advém, não é construído. O futuro deixa de ser referência. É simples sucessão de dias e anos a virem. Como o passado já tampouco é referência, fica-se no “eterno presente” (La Taille, 2009, p. 33).

O mesmo autor (2009, p.32) interpreta que o atentado de 11 de setembro de 2001 simboliza o “desencanto em relação ao futuro”. Considera o risco de guerras entre as pluralidades de nações do contemporâneo, o desemprego estrutural, a necessidade da exclusão de alguns sujeitos, a falta de perspectiva da população jovem como fontes de certa “falta de ânimo” em relação ao futuro. Pontua também sobre a preocupação com a saúde do planeta e a possibilidade de falta de suprimentos básicos com o crescimento populacional. Analisa que caso houvesse a igualdade social na distribuição de água e alimentos o planeta não seria suficiente. Diante de tal contexto, sentencia que o possível para o sujeito é a busca do presente como única referência, tornando a sociedade hedonista e descartável, sendo descartável aquilo que não tem passado e futuro.

O único espaço-tempo habitável para o sujeito contemporâneo é o fragmento. A pós-modernidade é a falta de passado e a ausência de futuro. Assim torna-se o tempo do turista e não do peregrino. Expandindo a metáfora de Bauman, La Taille (2009) propõe que, apesar do ideal de ambos de viajar e chegar a algum lugar, há grandes diferenças entre um e outro. O objetivo da viagem, por exemplo, para o peregrino é uma busca existencial, relaciona-se com o sentido da vida, para o turista é um meio de aplacar a curiosidade, ocorrendo em apenas em períodos de “parênteses” do trabalho.

Ao longo do percurso há sentido para o peregrino, pois o caminho é considerado parte da viagem. Para o turista o percurso é um mal necessário que deve ocorrer do modo mais confortável e rápido possível. La Taille (2009) considera que o peregrino tem uma vontade e o turista uma esperança. Sendo que na primeira a realização do desejo depende de quem o sente e na segunda não. É possível perceber a presença do tédio no turista, pois há ausência de sentido e significado. Talvez até mesmo a viagem seja uma busca de fugir do tédio. O sujeito pós-moderno é um peregrino ou turista? La Taille (2009, p.17-18) considera a contemporaneidade como “Cultura do tédio”.

Birman (2006, p.183) afirma que o excesso está no fundamento do mal-estar contemporâneo, e o psiquismo diante deste busca livrar-se pela ação para não paralisar-se pela angústia. Quando não consegue agir tal excedente manifesta-se por vias corpóreas

desencadeando as doenças psicossomáticas, o estresse e o pânico. O mesmo autor também propõe que o trauma é a contrapartida do excesso, pois paralisa o psiquismo.

O tédio nas palavras de Buchianeri (2012, p.114) é um protesto ao excesso: "Nesse sentido poderia ser tomado como um protesto silencioso contra o excesso, cuja exaustão, e superficialidade produz o esvaziamento do sujeito e dos sentidos de viver". Tédio e trauma no contemporâneo constituem-se opostos ao excesso. Mas seria o tédio um trauma? Ou um protesto além de silencioso infrutífero?

Buchianeri (2012, p.66) afirma que o trauma se instala quando há um excesso de estímulos sobre o psiquismo. Propõe que no contemporâneo estamos em um mundo traumático em que a velocidade dos signos e da linguagem solapam o sujeito. Não é mais a mercadoria em si que remete ao valor do produto. As relações do sujeito com seu mundo passam a ser realizadas não por este:

As relações do sujeito com seu mundo passam a ser cada vez mais indiretas, mediadas por sistemas de conhecimento, de ação, de sentimentos e afetos que o substituem, que fazem por ele aquilo que os desejos, eles também alienados e administrados, demandam. A publicidade se encarrega do que desejar, o mercado se encarrega de prover os objetos e meios de satisfação, os sistemas peritos formados pelo conhecimento técnico-científico se encarregam de resolver os eventuais problemas e sofrimentos (Buchianeri, 2012, p. 68-69).

O trauma em si, no mundo contemporâneo, conta com "anestésias" para que o sujeito tenha o menor contato possível com tal experiência. Ao privar-se deste há sim a evitação da dor, porém ocorre também a perda da possibilidade de produção de subjetividade, de crescimento que o enfrentamento a dor oferece. Associado ao trauma, afirma Buchianeri (2012, p.70), está a força de impulsão, de mobilização do ser humano, constituinte fundamental do sujeito que põe o aparelho psíquico a funcionar e analisar as experiências. Sentencia Svendsen (1999, p. 160): "Renunciar à dor de existir é desumanizar-se". Buchianeri (2012, p.72) propõe que este estado subjetivo é decorrente da *destraumatização* do contemporâneo. Há dificuldade para estabelecer um vínculo forte e duradouro com o outro.

Somente o vínculo permite a ligação do homem com um objeto, torna o espaço vazio em habitável, em um lugar. A experiência do tédio é a experiência do não-lugar, de vazio. Falta sentido à existência posto que é a relação com o outro que nos torna humanos. O que funda e o que mantém viva a existência. Nos bons e maus encontros é que o homem se constitui.

Considerações finais: após uma caminhada com o tédio

A literatura sobre o tédio destaca vários aspectos de sua manifestação enquanto um estado subjetivo e mapeia diferentes condições históricas que lhe serviram de solo de germinação. O modo de ser aristocrático que repudiava qualquer atividade mundana; o individualismo e racionalismo da nascente modernidade; a aceleração do tempo da vida moderna e da contemporânea; a ruptura das demarcações entre passado, presente e futuro; a instantaneidade da vida na atualidade; o consumismo, o desvanecimento da figura do outro e do coletivo; o narcisismo e hedonismo da atualidade e tantas outras condições que possibilitaram a irrupção do tédio e suas modelações específicas.

Há, ainda, na literatura rastreada, dois posicionamentos críticos distintos, que podem ser observados: um que situa o tédio como, não propriamente como uma patologia, mas como um mal-estar ou uma subjetivação enfraquecedora ou pernicioso para a vida e outra que o considera como uma forma de existência que pode oferecer condições de possibilidade de transformações criadoras do sujeito e do mundo.

É possível também visualizar na literatura sobre o tédio uma vertente que poderíamos situar como sendo de cunho saudosista, ou seja, toma o tédio para desqualificar certo período histórico, principalmente a atualidade, sugerindo que o curso da história tem levado a um estado de empobrecimento do homem e do mundo.

Com efeito, é mais plausível se encontrar na literatura atual análises do contemporâneo que o situam como uma grande catástrofe. São incontáveis as denúncias do consumismo atual, do narcisismo exacerbado, do individualismo desenfreado, da falta de ideologias, de utopias, de projetos; um mundo hedonista, sem freios e sem limites; um mundo em franca corrosão ecológica e assim por diante, como que se estivéssemos à beira de uma grande catástrofe ou do anunciado apocalipse bíblico. É curioso observar também que ao lado

da visão de uma iminente catástrofe subsiste, não necessariamente de forma explícita, a visão de um paraíso perdido no passado, tal como, via de regra, ocorre com as imagens da infância ou a adolescência.

A propósito, o recente filme de Wood Allen, “Meia Noite em Paris” (2011), retrata muito bem esse saudosismo inebriante que tende a tomar épocas passadas como melhores. Neste filme, o personagem central, um escritor iniciante saudoso do tempo dos anos de 1920 vivido por escritores e outros artistas famosos em Paris, tal como Scott Fitzgerald e Ernest Hemingway, o músico Cole Porter, o pintor Pablo Picasso e o cineasta Luis Buñuel, viaja com sua noiva à encantada Cidade das Luzes e lá, magicamente, se transporta à noite para esse fascinante círculo de famosos dessa época. Nessa experiência de volta ao passado, no entanto, conhece uma personagem da época completamente frustrada com o seu tempo e tomada pelo desejo de viver numa época ainda mais remota. O personagem tenta convencê-la de que a década de 20 é a melhor, mas não consegue demovê-la de querer retroagir no tempo. Assim o cineasta, como é do seu feitio, cria um clima de muito humor em torno dos sentimentos saudosistas que fazem crer que o passado sempre foi melhor do que o presente. Esse também é o risco dos cientistas sociais que, mesmo munidos de uma variedade de informações empíricas e documentais, podem cair na armadilha saudosista e auxiliar na criação de uma imagem catastrófica do mundo atual. Claro que, inversamente, não podemos nos deixar atrair pelo mesmo fascínio e tomar o presente ou o futuro como a miragem de felicidade. O exercício da crítica radical, próprio do espírito científico, deve ser capaz de pensar todas as possibilidades e gerar imagens possíveis.

O tédio no contemporâneo, longe de ser a enunciação de outra grande catástrofe, talvez anuncie, isto sim, com sua letargia, as benesses de uma vida de baixa intensidade como forma de frear o tempo e não deixá-lo, desgovernado, inundar e imobilizar o sujeito com o bombardeio de superexcitações.

Referências

Augé, M. (1994) *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papiros.

Bauman, Z. (1998) *O Mal Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2001) *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. *Identidade*. (2005) Rio de Janeiro: Zahar.

Birman, J. (2006) Subjetividades contemporâneas. In: *Arquivos do mal-estar e da resistência*. (pp. 171-195). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Buchianeri, L.G.C. (2012) *Velocidade e Tédio: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo*. 119f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista-Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

Carvalho, P. R. (1998) *O tédio nosso de cada dia: uma análise parcial dos processos de subjetivação da contemporaneidade*. 240f. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Giddens, A. (2003) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

La Taille, Y. De (2009) Cultura do tédio. In: *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed.

Lipovetsky, G. (2005) *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole.

Oliveira, A. A. A.; Justo, J. S. (2010) Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance "Encontro Marcado" de Fernando Sabino. *Revista de Psicologia da UNESP*. Vol. 9, n. 1. p.45-57. Disponível em:

<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view/165/206>.

_____. (2011) Relações entre tédio e trabalho na contemporaneidade. *Revista Querubim*. p.04-09. Disponível em: http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_13.pdf

Priberam. (2012) *Dicionário da Língua Portuguesa online*. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=t%C3%A9dio>. Acessado em 22/02/2012.

Salem, P. O (2001) *Vazio sem Trágico: um estudo histórico sobre o tédio*. Tese (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Saramago, J. (2008) *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras.

Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia

Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?

Universidade Estadual de Maringá

ISSN 1679-558X

Svendsen, L. (2006) *Filosofia do Tédio*. (M. L. X. de A. Borges Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL